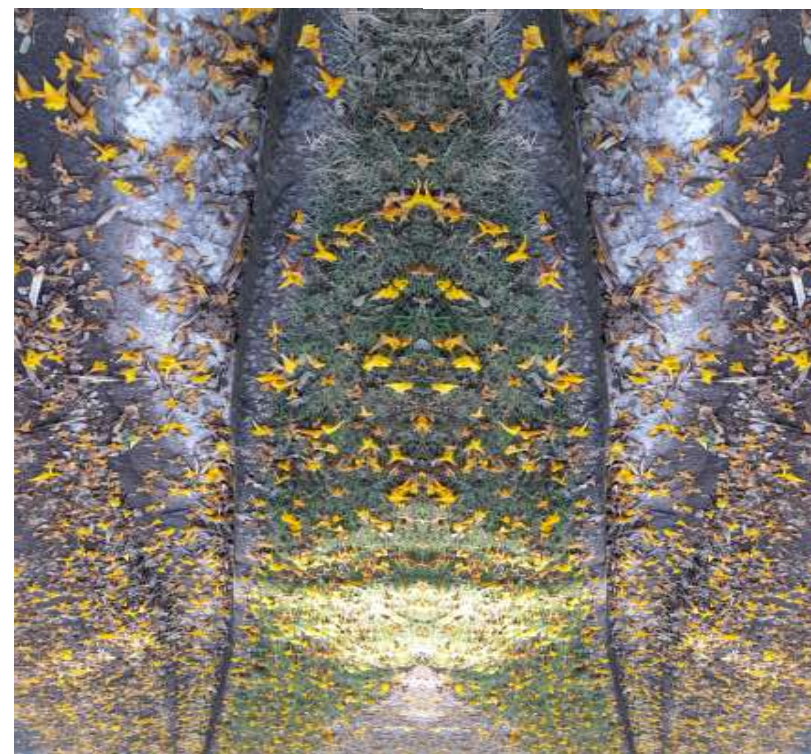




# CHÃO NOSSO DE CADA DIA

E FABULAÇÕES

Danièle Freitas de Abreu





FACONNECT

**PÓS GRADUAÇÃO LATU SENSU:  
CAMINHADA COMO MÉTODO PARA A ARTE E EDUCAÇÃO  
TURMA 5\_2023/2024**

**CHÃO NOSSO DE CADA DIA  
E FABULAÇÕES**

Daniëlle Freitas de Abreu

**CONCEPÇÃO E COORDENAÇÃO DA PÓS GRADUAÇÃO:**

Profa. Dra. Honoris Causa Edith Derdyk

**ASSISTENTE DE COORDENAÇÃO:**

Profa. Ma. Bárbara Melo

**DIREÇÃO GERAL D'A CASA TOMBADA:**

Profa. Dra. Ângela Castelo Branco Teixeira

Prof. Dr. Giuliano Tierno de Siqueira

SÃO PAULO 2024

**Dedico aos caminhantes-*pensadores*** que, direta ou indiretamente, deram protagonismo ao tema *Caminhada*, permitindo, a todos nós, andantes instigados, a possibilidade de descortinarmos seu peso, de expandirmos horizontes, inspirados e convictos de que vale a pena seguir com novos passos nessa direção.

## ***Agradeço...***

Ainda que pareça soberbo, na verdade, trata-se de uma celebração. Por isso, primeiramente, ***muito me agradeço*** por ter me permitido destravar o botão *dédalo*. Iniciar um novo caminho, com novas paisagens; adentrar no universo labiríntico do conhecimento, fazendo-me deambular por aí “verdadeiramente *presente* no presente”, fez a diferença.

**Agradeço às queridas parceiras-caminhantes, cada uma com sua riqueza** tornou a turma muito especial na sua personalidade, nas reflexões e trocas generosas, que muitas vezes me ajudaram a submergir nos assuntos.

**Agradeço a nossa querida mestra e mentora Edith Derdyk, maravilhosa!** Há tempos não encontro alguém tão conhecedor, dedicado, afiado, amoroso e poético no que faz. Obrigada pela escuta atenta! Pelo cuidado em *como* nos ensinar. Pela erudição. Uma inspiração.

**Agradeço à querida Bárbara Melo pelo seu olhar especial,** atento às nossas questões, ideias e vacilos... Sempre disponível em incentivar, sustentar, dar novas perspectivas, alargando possibilidades. Obrigada pela empatia e leveza!

**E obrigada à galerinha daqui de casa pela flexibilidade** em meus sábados de imersão caminhante, pela amorosidade sempre em me ouvir e trocar.

**Resumo:** *O Projeto propõe refletir e compartilhar, em palavras e imagens, a aventura da caminhada regular/ diária/ em mesmas ruas do bairro, ao longo de 1 ano e meio. Nesse processo, ambas as narrativas abordam o 'espanto-encanto' da monotonia, o 'devaneio da e na regularidade' do passeio rotineiro. Caminhadas regulares sim, repetidas, nunca. Ordinárias, mas não insípidas.*

**Palavras-chaves:** Paisagem. Chão. Regularidade. Fora de posição. Exposição.



## Apresentação...

Toda caminhada precisa do 1º passo. Fato.

A trajetória desse projeto contou com seu primeiro passo quando, pouco antes de ir dormir, já deitada na cama, vendo o Instagram, *topei* com um post de A Casa Tombada. Encantada pelo design, e curiosa com o nome da instituição, resolvi “dar uma olhadinha”.

Inteirando-me a respeito sobre quais cursos oferecia, deparei-me com “Caminhada como Método para Arte e Educação”. ‘Não sou’ da Arte. ‘Não sou’ da Educação. Mas gosto de caminhar. Queria caminhar. Amo arte. Miro a educação. *Caminhada como método* soou interessante. E, há um ano e pouco, eu vinha buscando um assunto, um tema, que me motivasse, me tirasse da inércia do *de sempre*.

Abri bem os olhos. Acionei o modus labirinto. Lancei meu primeiro passo... E chego aqui, nesse momento.

Pelo desejo de movência e pela abertura do ir *para-nada*, novas paisagens foram aparecendo, inclusive pelas ruas do meu bairro.

Nesse movimento dentro-fora-dentro-fora, **nasce ‘Chão nosso de cada dia, e fabulações’**. Projeto que pretendeu não só compartilhar a empreitada, mas também refletir como foi essa caminhada – que somou quilômetros andados por aí, conforme o vento batia, e a determinação de continuar sustentava.



**O Projeto divide-se em Movimentos:**

- **Movimento I: Reflexão**

Sobre como se deu a caminhada, fundamentada à luz de conceitos.  
A narrativa se desenvolve em **06 Atos – de Movência**.

- **Movimento II: Exposição**

De registros fotográficos, ‘coletas’ de percursos *vários* ao longo do tempo.  
E fabulações

- **Movimento III: Brincadeira**

De criança em beira de trilha.



# MOVIMENTO I

**Narrativa reflexiva** sobre *uma* caminhada regular,  
cotidiana, em um mesmo território de *uma* vida.

## Recomendação:

Antes de seguir...

Para uma **experiência mais interessante de leitura deste trabalho**, faço o convite para **clicar no link abaixo**, a fim de **dar o *play* no vídeo** na plataforma YouTube. O objetivo do **áudio** deste vídeo é tornar essa **caminhada mais viva, concreta**, ao longo do percurso narrativo.

O **áudio também é vivência dessa grande deambulação**. Resultado sonoro de várias coletas.

Para acessar, clique em: <https://youtu.be/HOxhSSS6X-k>

*Clique no link, dê o play no vídeo, aguarde para desligar a publicidade (se for o caso), **deixe o áudio acionado e volte para cá, para a apresentação do trabalho.***

Se optar por não clicar, siga em frente.



## **ATO I:**

Começo da aventura

Contextualização

**Chão nosso de cada dia surgiu da caminhada regular, cotidiana, pelas ruas do meu bairro, ou, mais especificamente, parte das ruas do bairro, em Barão Geraldo, distrito de Campinas, São Paulo.**

O bairro é grande, de muitas ruas. Comecei caminhando pelas ruas familiares, de trânsito mais comum. Aos poucos, fui ampliando minha ocupação. Me alarguei, estiquei, fui mais longe. Conheci ruas muito bem arborizadas, com arquiteturas bem pensadas, ruas com zonas abandonadas, com matagal, ruas mais desertas, áreas verdes sinistras, atalhos... Me surpreendi em como meu bairro, falando das redondezas próximas de casa, é tão diverso.

**Fui fazendo um grande mapeamento. O recorte do espaço foi se dando aleatoriamente conforme caminhávamos** – eu e minha cadelinha Carmela, que costumeiramente caminha comigo, minha parceira e ajudante em compor percursos.

Fui zanzando, atravessando, cruzando, pulando, abaixando, contornando, virando esquinas, indo... **Meus trajetos diários acabaram sendo desenhados e redesenhados no atravessamento das ruas mapeadas empiricamente no corpo,** que foram (e vão, porque ainda caminho) se combinando, alternando, se compondo e virando caminho repentinamente em cada dia de caminhada, nesse um ano e meio de aventura.

Percurso 'construídos' sempre numa seleção aleatória *de mesmas ruas*. 'Mesmas ruas' porque não circulei por todo o bairro. Depois do mapeamento, vim perambulando nesse grande universo de recombinações.

**Plano traçado nunca houve. Somente o ponto de partida e de chegada. 'Para onde ir': caminhar. 'Por onde' ir: só se sabia dizer no fim.** *Zanzar* se encaixou muito bem em minha jornada regular.

Começo por aí então: pouco a pouco conhecendo meu território até então restrito na circulação a pé. Vejam que não digo 'conhecendo melhor', falo 'conhecendo', porque percebi que nem as ruas que eu cotidianamente atravesso de carro, no cumprimento dos afazeres, em velocidade de 40km por hora, de fato, eu as conhecia, embora acreditasse que sim. Para tarefas diárias, pouco ando pelas ruas.

**A partir dessa empreitada caminhante, foi se dando um outro habitar, fazendo-se com maior presença pelo deslocamento em si, promovendo suspensões diárias de meu traslado dédalo da vida e abrindo a portinha do "labirinto".**

Bom dizer que, embora o território conte com certa diversidade de paisagem, marcado inclusive por zonas abandonadas, como já dito, as caminhadas se caracterizaram pelo caminhar ordinário, pelas habituais paisagens do ambiente urbano.

Cotidiano urbano esse que, contudo, não carrega o tom de centro urbano, dada, por exemplo, a proibição de comércio dentro do bairro, marcado por ruas mais desertas de circulação, tanto de carros como de pessoas, e por paisagens mais impregnadas de casas (sem arranha-céus), árvores diversas plantadas por seus moradores ou nascidas pela força da natureza, predominantemente de ruas de asfalto, poucos vãos de terra... Marcado pelo urbano em tom menor com pitada de campestre.

Além do mais, não se trataram de longas caminhadas. Foram caminhadas de 1h30, acontecendo *normalmente* no mesmo horário, por volta das 17h-17h30; vez por outra pela manhã. Ir mais longe ou ficar mais por perto foram critérios quando a condição climática pedia atenção no dia.

**Falamos, portanto, de caminhadas cotidianas, regulares, em ambiente urbano em tom menor, traçadas em *mesmas ruas* que se combinaram em percursos variados, de pequenas jornadas.**

Para refletir sobre minha jornada, baseio-me em Frédéric Gros (Caminhar, uma Filosofia). Também conto com os fundamentos de Tim Ingold (O Dédalo e o Labirinto, Estar Vivo e Linhas, Uma Breve História), Jorge Larrosa Bondía, para pensar sobre ‘experiência’, e Alfredo Bossi (em ‘O Olhar’) para referenciar o olhar.



## **Caminhada 1:** **Confirmação**

“O sol saúda o primeiro passo, que vence a resistência do corpo em manter o repouso. Sinto certa apreensão. Saio do usual. Titubeio. Um passo, outro, mais um... Pelo caminho, o sol chama pra terra, derrama sua luz e se faz trilha”.

(Sensações, 25/03/ 2023, às 17:20)



## **ATO II:**

### Estados da caminhada

Preocupei-me, no primeiro momento, em como seriam essas caminhadas diárias feitas no mesmo território. Não variaria a ambiência: não sairia do urbano para o campo, não iria para um grande centro urbano e nem mesmo me alargaria ainda mais nos limites já transitados de onde moro. A perspectiva reinante (do que seria) era marcada pela ideia de repetição e de monotonia, de caminhadas previsíveis...

**Questionava se conseguiria coletar algo. Os registros teriam a mesma tônica? Algo me chamaria atenção espontaneamente? Teria eu minha atenção disponível e absorvida na caminhada ao andar em circunstâncias onde tudo parecia dado, já sabido?**

**Respirei fundo. Comprometi-me com a experimentação, ver no que dava. Comecei.**

Nas primeiras caminhadas, lembro de me conter em não procurar por algo. Não era essa a proposta. Gros afirma que “os achados nunca devem ser buscados por si mesmos como se o passeio fosse um método” (p.148). Não queria alimentar essa intenção de busca, nem tampouco incorporar como compromisso. Queria andar e me experimentar caminhante imbuída do ‘espírito’ da caminhada – espírito livre do *ir para-nada*. (Termo usado por Byung-Chul Han fazendo oposição a ideia de “ir para-algo”, em *Vita contemplativa*, quando tece ‘Considerações sobre a inatividade’ ).

Esse fim se fazia ainda mais pulsante e desejado, porque as caminhadas se davam (e se dão) após um dia inteiro de trabalho, ou muitas vezes como intervalo entre turnos. Sendo assim, diariamente, era (e é) sair da mesa e praticamente cair direto nas ruas. Com a distância de uma pausa para esticar o corpo, calçar o tênis, e preparar Carmela, minha cadela e companheira, para sairmos.

Entrava na caminhada muitas vezes com a cabeça cheia de preocupações, formulações do que precisaria continuar na volta à labuta, questões emaranhadas em discussão suspensa... Ou simplesmente saía encerrando o dia, carregando ainda a vibração do movimento produtivo vivenciado até ali.

**Por várias vezes, eu iniciei a caminhada travada, me empurrando para ir enquanto a cabeça me puxava para a posição imóvel da cadeira na frente do computador. Para manter a proposição, eu contava com a proposta da ‘regularidade’,** que, a meu favor, me dava a força de vontade do gesto repetido, mas também experienciava outro aspecto da caminhada, que se somava a essa disciplina diária, que era o que Gros chama de **“o inelutável”**.

Segundo ele, “o inelutável na caminhada é que, uma vez que começamos, somos forçados a chegar (...) e uma vez que se está a pé, para chegar é preciso continuar a caminhada. A vontade como destino”. (GROS, Caminhar, uma filosofia, 2023, p. 140).

E assim eu seguia em frente. Só não sabia, ainda, de forma consciente, que, conjuntamente com a “regularidade” e com o “inelutável”, como condição de manter o movimento para chegar, eu também experimentava **a primeira das “experiências da caminhada”**: **“a monotonia”**. Segundo Frédéric Gros:

“A caminhada é monótona, severamente monótona. (...) No fundo é sempre igual: pôr um pé na frente do outro. MAS o segredo dessa monotonia é que ela constitui uma cura para o tédio. O tédio é a imobilidade do corpo confrontado com o vazio do pensamento. A repetição da marcha mata o tédio porque este já não pode se alimentar do cansaço do corpo nem extrair de sua inércia a vaga vertigem de um espiral sem fim. No tédio, sempre se busca alguma coisa para fazer, apesar da evidente futilidade de qualquer movimento. Caminhando, há sempre alguma coisa a fazer: caminhar. Ou melhor, na, não há mais nada para a fazer justamente porque se está caminhando (...). Ao caminhar, já não se tem a obrigação de pensar, de pensar nisso ou naquilo, desta ou daquela maneira. Durante o esforço contínuo e automático do corpo, a mente recupera sua disponibilidade. E é então que os pensamentos podem vir, sobrevir, advir”.

(2023, p.139-140).

**Desse modo, a cada dia, fui sendo liberada (ou salva) de minhas preocupações, de relutâncias em seguir e, gradativamente, me tornando livre *no meu zanzar*.**

Meus pensamentos conseguiram ficar longe da mesa de trabalho e conectados com o aqui e o agora, graças ao movimento físico de meu corpo, proporcionado pela alternância dos passos, que me levavam para onde eu quisesse ir. Quando dava conta de mim, estava submersa *ali*, com os olhares soltos para direções diversas, vagando, comprometidos somente com a missão de nada fazer a não ser desfrutar do meu percurso.

Seguia com leveza, com minha própria companhia, e pensamentos ‘vindos, sobrevindos, advindos’, dando sempre a vez para mais outros de naturezas várias, inclusive memórias que emergiam. É impressionante como também lembramos de pessoas, passagens vividas, conforme o que vemos ou ouvimos...

São muitas as conexões e, ao mesmo tempo, interrupção de pensamentos, que vão se tecendo com o movimento, mas que também com ele vão embora, disponibilizando a alma para tantas outras novas ligações surgidas aleatoriamente. **Movimentos ‘para dentro’ e ‘para fora’ se compondo em sinfonias nas deambulações.**

**Eu me perdia por aí.** E voltava a mim com o corpo muitas vezes ofegante com a respiração mais acelerada, com a captura de algo que me prendia a atenção, com um tropeçar ou mesmo com uma queda; sim, caí ‘feio’ uma vez; ralei todo o joelho e perna. Lamentei, doía, mas **me lembrei que, afinal, cair também faz parte, não é?!** Ação extremada do titubeio. (E, abrindo um parêntese na conversa, quando caí, segui pela semana levando esse olhar para a vida: **cair, levantar, seguir, errar, se perder... foram aprendizados teóricos e práticos de peso.** Carrego-os vivos como nortes para alguém que tende a querer acertar e controlar - sempre).

O ritual diário se mantinha. **Havia dias em que facilmente eu incorporava o espírito da movência, e dias em que a briga era feia,** eu precisava caminhar por um tempo até que minha mente recuperasse sua disponibilidade e, ‘de repente’, me dispusesse livre dentro do *labirinto*, em “estado atencional”, à mercê do que acontece, ‘comandada’ pelo o que ainda ‘a caminho viria a ser dado’ (Ingold, *O dédalo e o labirinto*, p.27).

Em falar de *meu percurso*, importa mencionar que **ruas pelas quais eu rumava por aí foram se transformando. Aos poucos, passaram a ser trilhas na prática das caminhadas,** enquanto corredores de passagem foram ficando para trás.

**Conforme fui caminhando**, percebi que, além das condições que me levavam a temer caminhadas ‘repetidas, iguais, insossas’, talvez sem nada a me capturar, **também inicio a caminhada como um sujeito de olhar generalizado do espaço**, onde ‘tudo’, além de parecer sabido, parecia ser o mesmo – amontoado, insípido.

**As ruas eram tomadas como pertencentes a uma mesma e grande paisagem**, a priori em condições de pouco (ou nada) a ser visto, explorado ou experienciado. Portanto, **nada a coletar ou pouco a se registrar**. Ruas que, sim, me levavam para minha casa e para onde mais eu precisasse *ir-fazer*. Codificadas, por mim, como ‘parecidas’, ‘tudo ‘igual’, ‘iguais’, ‘conheço’, passo nelas...

**Minha perspectiva estava comprometida, clivada pelos deslocamentos dédalos diários**. Não cheguei ao ponto de generalizar espécies de árvores, por exemplo, considerando-as ‘todas iguais’, porque, por apreciá-las, tenho noção de que não são, mas pude ver que muitas existiam sem minha ciência.

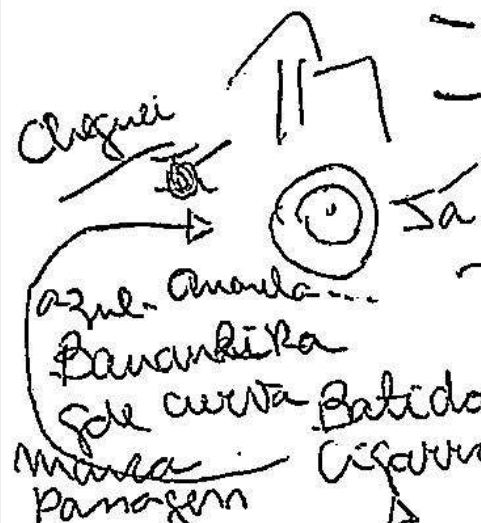
**Pude despertar o olhar e constatar a versatilidade de paisagens dessas trilhas**. Eu estava errada. Comprovei que é preciso mover-se, e a pé, e em outro estado que não o usual cotidiano, para se ter uma relação mais real (ou pulsante) com o território.



Mapa

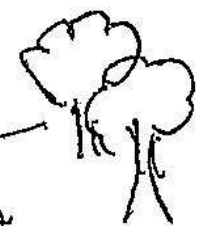
- Elemento orientador
- que outros elementos existis
- Como se conectam os outros elementos?

\* decoregue? folha?



aquele Amendo...  
Bancabika  
Sole curta  
Mina  
Panagem  
Trepadeira  
Fernando  
Mina  
Amor  
Perquito!

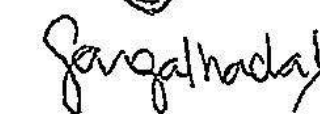
Batidas de Mantelo  
Cavaria canta  
Arvores mto  
chadas e dhas me fitam!



Ocupa o caminho.  
cachorro preto lati.  
Branco se levanta!

Se conectam graficamente? Linha, reta, curva...  
Existem entre esses elementos hierarquias? Fazem agrupamentos? Como existem?

olhos desconhecidos  
me ~~de~~ observam.



Esquerda.  
Uma Sola no dia!  
Mora!  
Conversa q parece  
pica.

Saio-Subo-  
Ladeira.

SOS Entulhe.  
Casa sendo virto  
Casa aliq.

Desemboco no mato!  
Floresta. Ato!

IMERSTO

O Sol imunda a  
sua moral.  
Se a brisa  
ocupa o  
espaço!

Bobelita  
Laranja  
Amarilla

Pássaros  
Cantam  
Rua  
Sombreada

Costado do  
muro para o  
meu destino

Jirô à  
Direita

Wontade de  
trazer  
elemento  
externo:  
ESQUERDA  
dentro  
de casa.

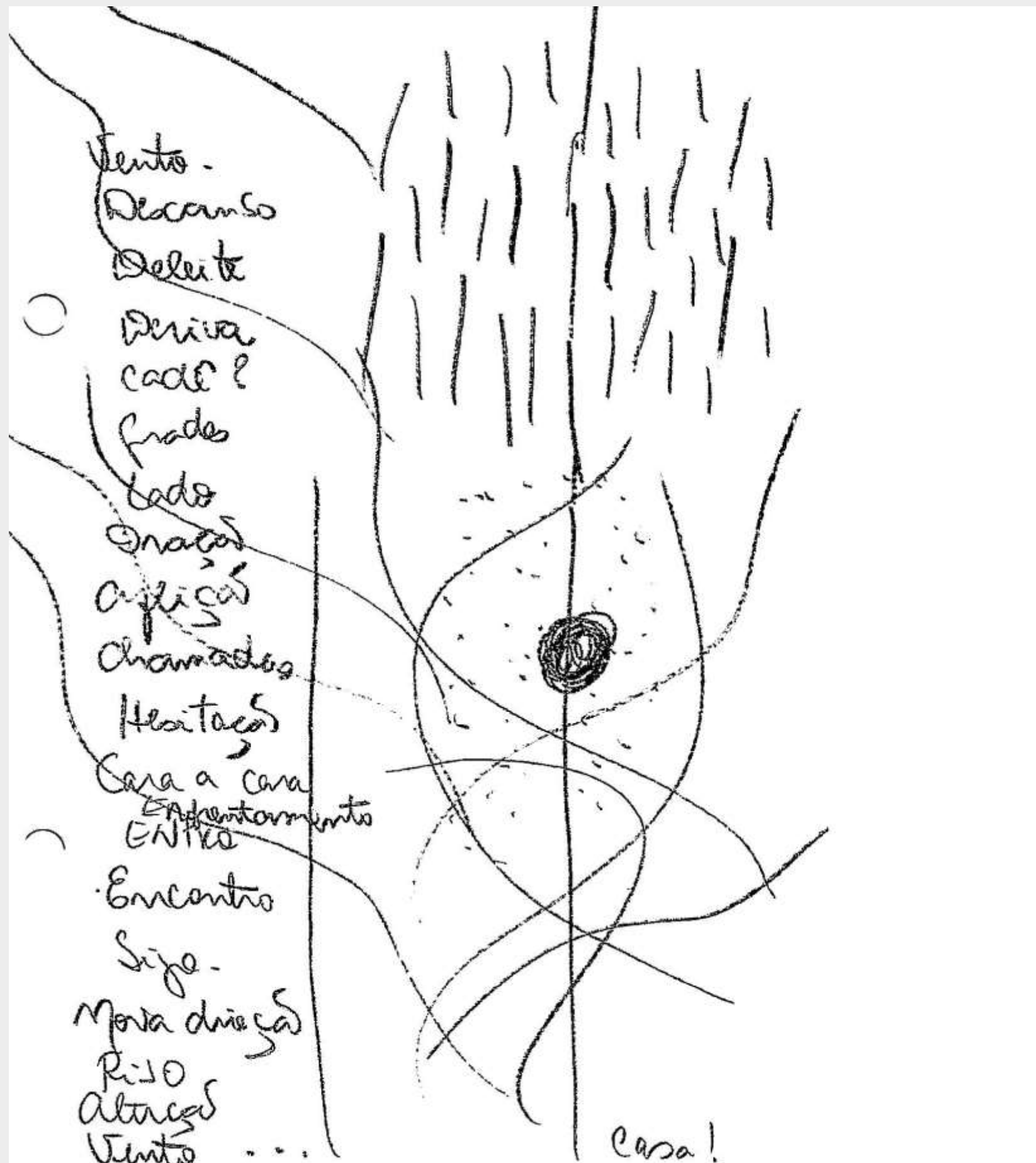
alguor  
canta  
almoc

Pimenta  
Cacha.

me  
dividi

ATRAVRESSO  
Chão-Terra. Raízes quase  
Amé alcançam. FOLHAS

IR. AVANÇAR!  
EXPLORAR!  
ADENTRAR!



Vento.  
Descanso  
Deleite  
Deriva  
Cadê?  
Grades  
Lado  
Oração  
Aflição  
Chamadas  
Hesitação  
Cara a cara  
Enfretamento  
Entro  
Encontro  
Sigo.  
Nova direção  
Riso  
Atenção  
Vento...  
  
Casa!

Andando com escrita automática.



### **ATO III:**

‘Restauração da visão’  
Estados de Atenção

**Na condição de percorrer – traslar – passear – caminhar – seguir – interagir - sem rumo, disponível, sem nada a pensar em específico, sozinha, e regularmente, fez com que o bairro transitado por mim parecesse um pouco como teria sido percebido por quem o vê pela primeira vez**, assim como o viajante, quando chega e vê o lugar naquele momento. Gros chama de **“prodígio”**, e nos posiciona: “como não prestamos atenção a nada em particular, tudo nos é ofertado em abundância: as cores, os detalhes, as formas, os aspectos” (2023, p.148-149).

E aí, então, vivenciamos o que ele denomina de **“restauração da visão”**, porque passamos a ver e a nos relacionarmos com o espaço em plano mais próximo ‘do real’ com suas peculiaridades, diversidades, alturas, volumes, tamanhos, formas, seres... **Isso porque olhamos com atenção - e não com intenção.**

**Por isso, notamos ‘objetos’ antes invisíveis e indisponíveis aos nossos olhos**, como quando, por exemplo, eu vi um chão de asfalto majestosamente desenhado pelas sombras de uma árvore, copas galhudas sem folha que mais pareciam árvores de filmes de terror, ou floridas por um espetacular tom de amarelo, ou mesmo quando reparei em uma única flor resplandecente numa árvore em um entardecer de outono de fazer chorar...

Fui (e vou) experimentando espontaneamente o que ele descreve: “viro a cabeça para as impressões que me atraem à direita da paisagem, componho-as com a que recebo da esquerda, jogo com contrastes de cor, passo do detalhe à vista de conjunto num contínuo ir e vir” (Gros, 2023, p.146).

Posso dizer que consegui sair de minha condição generalizante de adulto e fui descendo para o nível das trilhas, assim como a criança que vive nesse nível e “sabe que tudo é diferente” e “nunca procede por generalidades” (Gros, 2023, p.144).

Passei a me inquietar com meus caminhos, a ser interpelada por eles, que foram me dando novos ‘sentidos’ e, **com novos sentidos, experimentei “estar fora de posição” pela condição da ex-posição** (Ingold, O dédalo e o labirinto, p.28).

**‘Capturas de caminhos’ passaram a ocupar lugar no mundo, mesmo que em estado de efemeridade (dependendo do que me capturava).** Passei a enxergar delicadezas de flores como suas formas, cores e suavidades de pétalas; asperezas e formas de diversos troncos de árvores, céus multicores em muitos estados...

**Percebo que me descolei da mera “representação objetiva”.** Fui além. Adentrei num estágio que, segundo Gros, não deve ser entendido como “o triunfo da imaginação, mas (como) um realismo sem preconceitos, total” (2023, p.144), porque é quando a ‘natureza se torna poética’. **Magnífica apreensão.**

Ou alcancei a capacidade *de imaginar algo* atrelada à ideia de “aparecer coisas”, cujo conceito defendido por Ingold está ligado à definição de que “imaginar é um movimento de abertura e não de fechamento; produz não fins, mas começos”. (O dédalo e o labirinto, p.30).

Esse fenômeno, seja de um ou de outro ponto de vista, vale ressaltar, não é dado, mas ‘conquistado’ pela monotonia dos passos de cada perambulação, a cada dia, na inelutável e fatal condição de ir-seguir-chegar depois da partida, do “ir para nada”. Mas também por meio da **regularidade do olhar atencioso – olhar que contempla, repousa, atento, livre... Do olhar com a luz da atenção**, que não “deixa a vontade se esvair em veleidade” (Fenomenologia do Olhar, p.83); do **olhar que “envolve, apalpa** as coisas visíveis” (Fenomenologia do Olhar, p.82). “**Olhar que, no ato de exercer-se, toma o nome justo de atenção**”, segundo a pedagogia do olhar de Simone Weil (em ‘O Olhar – in ‘Fenomenologia do Olhar’, Alfredo Bosi, p.84).

Ou ainda segundo Ingold: a ação do caminhar “deve estar acoplada de modo próximo e retido com sua percepção. (...) Colocado de modo simples, (ele enfatiza) **você tem que prestar atenção onde pisa, e também ouvir e sentir**”. Pois, como ele mesmo nos diz: “*assim como a intenção está para a atenção, a ausência está para a presença, portanto*”. (O dédalo e o labirinto, p.27).

Especificamente sobre a ‘atenção do olhar’, **Alfredo Bosi** se baseia na pedagogia do olhar de Simone Weil, filósofa da atenção, e dela **extrai e analisa 4 dimensões de seu discurso sobre atenção**, que ele entende como “estruturais”, e sobre os quais vejo relevância como embasadoras na reflexão do processo de minha caminhada. São elas:

a Dimensão da *“perseverança”*. Segundo Weil, por meio dessa dimensão, a “atenção deve enfrentar e vencer a angústia da pressa. A atenção mora e demora no tempo, por isso é lenta e pausada (...)”. É por meio dessa dimensão que o olhar detido junto ao objeto “pode descobrir os seus múltiplos perfis”, ou seja, seus aspectos, detalhes, e, “ao longo do mesmo processo, recuperar a sua unicidade em um nível mais complexo de percepção”, como observado na citação em que a própria Weil nos fala: “que o pensamento esteja sem cessar a ponto de perder-se na diversidade e, sem cessar salvo pela regularidade – exigência que só se satisfaz por meio de uma contemplação detida que vai do uno inicial ao múltiplo, e vem do múltiplo ao uno final” (p.84).

*“O despojamento”* seria o “olhar desapegado que acede a uma razão dialética capaz de admirar as transformações do Uno Todo”. “Liberta os olhos das ilusões (...)”. No caso, a “atenção é uma escolha”, ‘quer ver e saber’; “como o mesmo movimento do espírito que vai ao encalço dos seres esvazia-se dos caprichos do ego” (p.84).

“*O trabalho*” seria a dimensão onde “a atenção é um olhar profundo e despojado”, mas também “é um olhar que age. (...) O olhar atento é, em si mesmo, operante: trata-se do trabalho da percepção. E há um outro nexos, de caráter histórico entre o olhar e o trabalho. Este, quando livre, permite ao espírito desenvolver a sua aptidão de pensar tanto as regularidades quanto os acidentes da matéria” (p.85). O que, do ponto de vista da caminhada labiríntica, eu diria o olhar livre pela inatividade da caminhada.

E como quarta dimensão aponta “*a contradição*”: “o olhar atento se exerce no tempo: colhe, por isso, as mudanças que sofrem homens e coisas” (p.85).

**Posso afirmar que, ao longo do tempo, fui desenvolvendo (ou praticando) a observação atenta ao território.** Nas capturas diversas, me atentei a peculiaridades de paisagens, como os frutos verdes e maduros de palmeiras; **processo de nascimento do ipê amarelo – da vagem ao desabrochar da flor e liberação de suas sementes;** bananeira criando lindo cacho de bananas; árvores florindo e depois desfolhadas... **Observei, peguei, cheirei, toquei, coletei... Com o tempo desacelerado do olhar atento e interessado no que via.**

**Meu olhar se tornou corpo presente, usado para experimentar o que nascia diante de si. Senti e testemunhei a passagem do tempo: vendo-tocando-admirando-(me)espantando-ouvindo-(me)divertindo.**

Registrei e colhi as mudanças das estações por observar ativamente a diversidade de paisagens desenhadas em cada época nessa ‘régua do tempo’. Pude descobrir, por exemplo, o quanto nosso inverno, aqui, é florido.

**Nesse momento de reflexão, sinto-me à vontade para dizer que reavalio as condições da minha empreitada caminhante como aliadas ao meu estado atencional nas deambulações diárias, dadas no mesmo território.**

Se, no começo, o fato de a caminhada ser ordinária/ diária/ em mesmo espaço fosse temido e sentido como um incômodo, agora, nesse ponto, parece ganhar outro status: vejo como condições que contribuíram no processo.

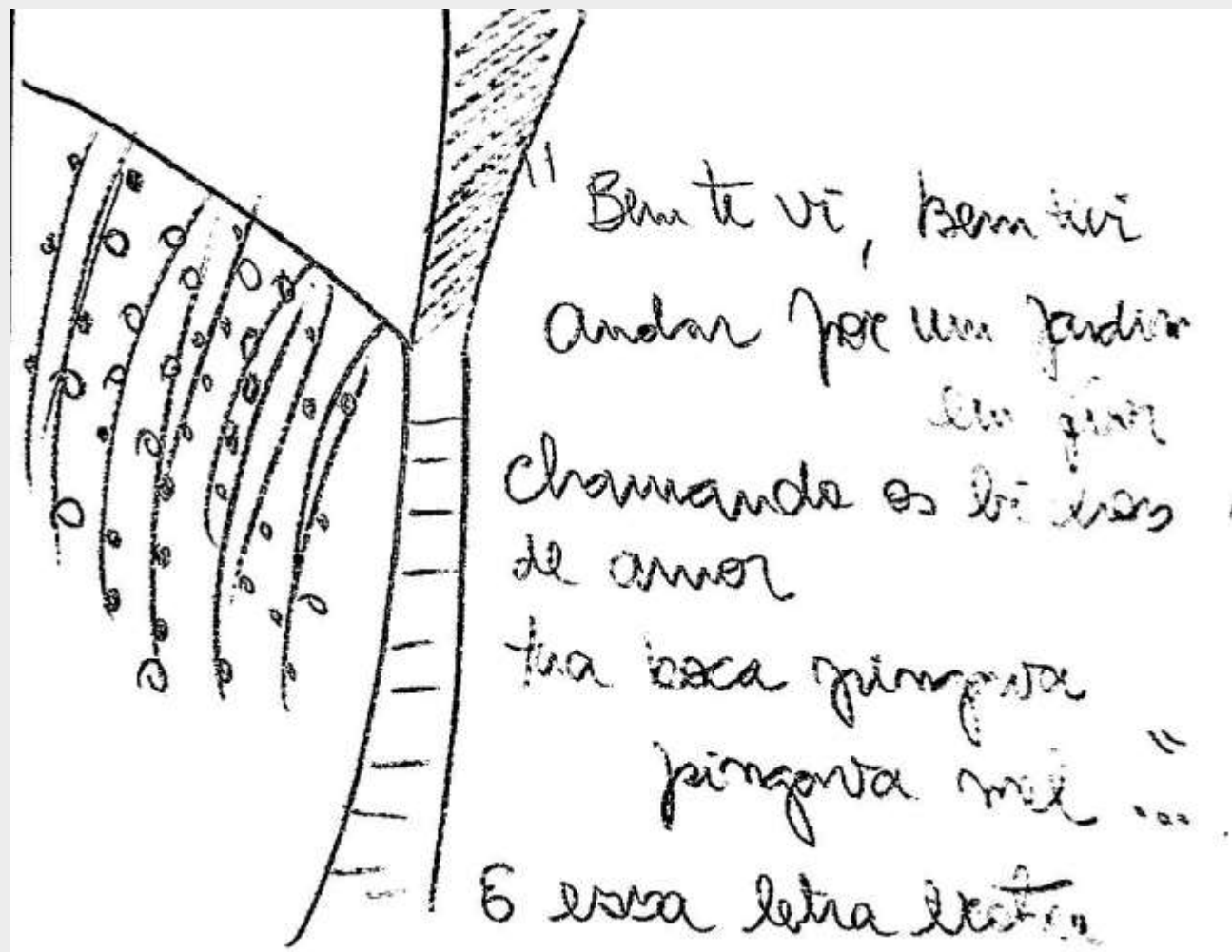
**Conciliadas com a regularidade do caminhar, sem pressa e sem propósito pelo bairro onde moro, caminhando em condição de luxo, distante da pressão da atividade, disponível para aquele momento, pude experimentar *sair fora de posição* e, com a perspectiva do tempo, ativar e praticar o “estado atencional” em diversos níveis.**

Meus sentidos foram se sensibilizando, e gostaram da brincadeira. Ouso dizer que percebo, concretamente, pela vivência prática do meu ato de caminhar, as diversas dimensões do olhar atencioso abordadas por Simone Weil.



Vagens com sementes de ipê amarelo





Bem te vi, bem vivi  
Andar por um jardim  
em paz  
Chamando os beijos  
de amor  
tua boca pingenta  
pingenta mel ...  
E essa letra escrita

nos meus lábios e por um  
tempo caminhar <sup>imagens das</sup> / ~~o~~ serments  
já ficando na minha mente  
E, de repente, o gato branco apareceu  
com meu estado idílico e lá  
vamos nós saltar em segundos  
no universo de cachorros e gatos  
conhecidos. Gato na árvore.





Normal. E x g e normal;  
Em frente. Relaxei.  
Desanhei. Conspicuid.  
Olhos saltos escureiam  
água marrom.  
Folha no dor.  
Colhu.  
Esopa da  
de S5  
Suje.  
Folha.  
Fera.  
Ine  
peres  
Respiro de Vagge



## **ATO IV:**

Sutilezas  
Ínfimos  
Marcos

**Caminhando por aí, foram as sutilezas da natureza, miudezas, detalhes capturados com o despretenso movimento da cabeça, que me chamaram atenção.** Em outras palavras, foram mais as micro descobertas que se fizeram especialmente presentes, *emergiram*, tais como gotas de chuva na folha, musgo de árvore, pegadas de cachorro deixadas aleatoriamente com a sua passagem; detalhes de flores, sombras de árvores ornando o cinza rugoso do asfalto em algo encantador, flores delicadamente depositadas sobre o chão compondo linhas de expressão...

Nesse sentido, muito me identifiquei com o poeta Manoel de Barros, ao registrar (especialmente em fotografia) e dar corpo ampliado ao 'mínimo', ao 'ínfimo' ou ao 'traste', fazendo uso de suas próprias denominações.

No entanto, **alguns encontros se tornaram marcos do grande percurso.** São eles: '**olhos que me veem**', que me surpreenderam e causaram espanto. '**Chão florido de ipê roxo**', que com sua tênue linha despertou minha atenção observadora para o chão e me fez perseguir outras tantas linhas desenhadas por novas flores. '**Muro-Mar**', que ganhou vida quando eu estava 'explorando' as ruas incorporada pelo personagem de pipoqueiro, como atividade de uma aula de imersão no sábado. '**Céu bordado de rosa**', copa de ipê-rosa, que me encantou e despertou o interesse ao me dar a perspectiva para **o tanto** que copas de árvores, olhadas por baixo, podem nos proporcionar de paisagem e emoções (no mínimo paisagens curiosas).

A **sensação do ipê-amarelo vibrando por toda a parte**, que explodiu em cor; *'amarelou'* vários dias, e me levou para o chão, fazendo-me mais próxima, por querer frotá-lo na calçada. E o **'Ipê branco'**, outro grande 'achado' de minhas movências, que especialmente *'deu branco'* no dia em que nos encontramos; quando fui absorvida.

O inverno florido, campineiro, se corporificou e chãos diversos ganharam sentidos vários. Isso **sem desmerecer em nenhum tom a experiência do encontro com tantas peculiaridades** (como exemplos mencionados acima), que me fizeram poesia na alma, como o raio de sol num chão de britas.

No seguir, a **'experiência da caminhada'** foi sendo marcada por vários estados de **"bem estar"**. Segundo Frédéric Gros, "de maneira pontual, (ela) dá abertura para sentir todas essas possibilidades, oferecendo a chance de experimentar todos esses estados, em graus diversos, em ocasiões diferentes". (Caminhar, Uma Filosofia, 2023, p.124)

E que *possibilidades de estados* seriam esses abordados por ele? **Gros nos fala do prazer, da alegria e da felicidade vivenciadas na caminhada**. Lendo-o, pude reconhecer que vivenciei o que ele toca, e constatar que, enquanto algumas paisagens são "pontos de satisfação", outras são de prazer, ou experiências de *muita* felicidade, além da alegria. Endosso quando afirma que se dão de modo pontual.

**Começo pelo prazer de encontrar o ipê roxo.** Ou, como ele mesmo define, **“puro prazer”**. **O ipê roxo foi uma paisagem que me causou grande impacto.** Esta árvore não só me revelou a percepção do inverno colorido, como me encantou com sua beleza e me instigou à observação ativa e atenta dos chãos – a inspiração do projeto nasce junto com esse encontro (embora nesse momento eu ainda não tivesse concretizado tal ideia). Foi meu primeiro *muito prazer* experimentado no meu zanzar pelo bairro.

Eu vinha distraidamente, quando, de repente, *voilà*, lá estava ele, majestoso. Emergia estrondoso. Nascia barulhento diante de meus olhos. Eu nunca antes o tinha visto, sendo que moro no bairro há mais de 20 anos (o que a caminhada regular e rotineira pôde me proporcionar). Suas flores delicadamente depositadas no chão formavam, com o ângulo de 90 graus do meio fio, uma instigante linha. Simplesmente aqueles delicados traços de flor pareciam dissolver a superfície original de cimento da calçada, compondo um novo estado: roxeado, com sua sinuosa linha.

Pronto. Esta linha me capturou de jeito. Senti puro prazer com tudo o que via. Um transbordamento de entusiasmo com a beleza da inédita paisagem que se revelava para mim. Posso dizer, fazendo uma analogia, que, em mim, repercutiu como uma linha de interação, não de fuga. Linha que me fez ver, observar atentamente, e interagir com tantas outras linhas (depois dela).

O meio fio, flores e folhas, como rastros depositados de forma tão espontânea no chão pela ação da natureza, me deram inspiração, novas experiências e percepções. **O chão, lugar que costumeiramente sempre olhei, passou a ser foco de atenção, um grande atrativo nas caminhadas.**

Segui pelo fim do outono, todo o inverno e adentrei a primavera com picos de felicidade pelos diversos chãos coloridos que fui encontrando – não só pelas flores, mas inclusive pelas cores e tons vivos de folhas. Isso foi outro ganho da caminhada regular: eu me conectava fortemente com as folhas secas como símbolo do outono-inverno e, a partir dessa experiência, me deslocava para nova percepção. Contudo, **vale dizer que, em momento algum, eu persegui as paisagens. Elas foram surgindo e aparecendo. O que mudou foi que me predispus aos acenos do chão mantendo-me sempre a favor, e bem disponível, ‘aquilo’ que acontecia. Deliberadamente me propus o movimento de abertura, a novos começos;** afinal, como nos diz Ingold, “as coisas encontram-se a caminho de serem atualizadas, ou dadas” (Ingold, O dédalo e o labirinto, p.30).

**E assim foi. Nessas circunstâncias, compartilho mais um episódio da caminhada, que escreveu novo começo, e inscreveu muitas emoções nesse corpo andarilho.** Esse encontro me faz querer refletir um pouco mais sobre o estado atencional, ou, melhor posicionando, sobre o deslocamento “da atenção para aquilo que aparece” enquanto se caminha à deriva, e sobre a condição do caminhante que fica submetido “aquilo que acontece”. (Ingold, p.29)

Em uma manhã de um dia da semana, eu estava subindo a ladeira absorta em meus passos, quando, inesperadamente, uma paisagem desponta, e me enlaça. Eu não acreditava no que avistava de longe. O coração acelerou. Andei mais rápido. *‘Quem’ eram afinal e como foram parar ali?* A sensação de estranheza pela novidade pulsava.

Duas árvores, uma em cada lado da rua. Árvores que, costumeiramente, por elas eu passava, eu as via, as reconhecia, que compunham paisagens de meus percursos, de repente, brilhavam completamente floridas de branco, e se *espalhavam* pelo espaço com suas flores. **Sem dar chance para a distração alheia, alardeavam presença. Eram ipês brancos, lindos, que literalmente apareciam - *Deu branco*.**

Era a primeira vez **na vida** que eu via um ipê branco florido, assim como também era a primeira vez que (via e) reconhecia tais árvores (atualizadas) como ipês brancos. Cada árvore, com sua floração única, trazia vida a novas árvores, e a outras paisagens, diferentes *daquilo* que costumava *aparecer*. Naquele momento, elas transfiguravam o ambiente. E eu experimentava, escancaradamente *na pele*, o “aparecer daquilo que aparece”.

(Refleti baseada em Ingold, que se apoia nos conceitos do filósofo Henri Bortoft e, sobretudo, no conceito de Deleuze sobre o “plano da imanência” – em *O dédalo e o labirinto*, p. 29-30).

Próxima, fiquei entregue aquilo que acontecia, parada por um bom tempo, admirando tamanho esplendor do raiar daqueles ipês. As flores caíam lentamente no chão. Tinha uma brisa suave no ar. A brancura do conjunto – árvore, chão e ar floridos – me dava êxtase. Fazia-me privilegiada.

**Fotografei com capricho. Não poupei posição.** Via que outras pessoas também paravam e igualmente registravam, como testemunhas enternecidas, aquele espetáculo único da natureza - ipês brancos se dando de presente no fim da estação do inverno.

Vivenciei o instante absorvendo, como pude, aquela atmosfera. Eu me sentia “verdadeiramente presente no presente” (Ingold, O dédalo e o labirinto, p. 34). Absorvida. Sentia *felicidade fluindo, “como fios de ouro na trama do mundo”*, impregnada pela forte sensação de *estar* no lugar certo e na hora certa. Sentia-me ‘destinatária da graça’. Para quem não sabe, os ipês florescem uma vez por ano; e cada floração dura em torno de dois dias, dependendo três. Nessa experiência, falo com a certeza de que não ‘estavam’ lá no dia anterior. (Gros, 2023, p.129)

Por outro lado, **eu também não ‘estava’ mais a mesma do dia anterior.** Refletindo, no aqui e agora, diria que **eu, igualmente, ‘aparecia’ ali, naquele momento, atualizada. Na paisagem maior, quem me via, presenciava uma versão mais plena *daquilo* que aparece:** um aparecer tomado pela alegria de estar na atividade da caminhada, de estar vivo e pulsando, grato, e, ao mesmo tempo, sereno, por se sentir integrante do plano maior – **“a serenidade como a imensa doçura de não esperar mais nada: só avançar, caminhar” no próprio ritmo.** (Gros, 2023, p.130).



16/JUN/2023



10/AGO/2023



09/ABRIL/2024

**Deu branco**  
**Branco total**  
Dia de espanto  
Tamanha Beleza  
Delicadeza  
Singeleza  
Sorte  
Especial  
Privilegiada  
Pessoas também  
param  
**Nevasca**  
**De Ipê branco**  
Coração saltando  
Apareceu  
Contemplei  
Contornei  
Admirei  
Reverenciei  
Registrei  
Peguei  
Cheirei  
Me debrucei  
**Testemunhei.**







## **ATO V:**

Proposta do projeto:  
'Exposição'

O que fiz senão uma coleção de peculiaridades coletadas no chão, no céu e por aí, clicadas por encantos e espantos.

Esse trabalho, a seguir, no **Movimento II**, pretende apresentar a **Exposição** dessa coleção de vivências. **No primeiro momento**, traz um recorte dos registros fotográficos de “*uma vida*” de 1 ano e meio, caminhado regularmente, diariamente, por trajetórias diversas - de mesmas ruas.

Fotos entendidas como registros de momentos de atravessamento, que *me fizeram sentir e seguir*. Registros enquanto experiências de percurso que tocaram, revelaram e produziram afetos.

A **Exposição começa com ‘Peculiaridades’**, ‘pequenos grandes marcos’ que sensibilizaram meu olhar e ‘acenderam a caminhada’.

Acoplada a essa intenção, pretendi tratar a caminhada não somente como um “modo de ver”, mas de “criar paisagens”, não a partir de intervenção urbana, mas a partir do jogo de imaginação da **exposição sofrida** (segundo conceito de Jorge Larrosa Bondía).

‘Criação de paisagens’ do ordinário, que, na maioria das vezes, pouco vemos e/ou pouco valorizamos. Ou até nem vemos, porque, em nossos deslocamentos diários, em nome de tocar a vida, não dá tempo. **Nessa direção, a Exposição apresenta o ‘Chão Nosso de cada dia’, tema do projeto.**

**Segue e encerra com ‘Céus, de muitas formas’** - porque, entre um passo e outro, o olhar subia, e se deparava com outras paisagens. Nesse movimento quase espontâneo, ora o céu se fazia paisagem a partir do chão, que conduzia minha atenção. Ora o próprio céu, ele próprio, me capturava. Na grande paisagem, o que seria tão efêmero quanto o céu? Ao longo do tempo, pela regular e atenta observação, as diversas formas, volumes e cores do céu também confirmavam a experiência: caminhadas cotidianas, repetidas, nunca.

**Sobre a proposta de ‘criação de paisagens’, a intenção primeira** foi propor um “jogo imagético da caminhada”. Trabalhar **pela repetição**, e uso de outras perspectivas, o **‘espanto-encanto’ da monotonia, o ‘devaneio da e na regularidade’ do passeio rotineiro.**

Com esse fim, faço uso dos recursos de duplicação, inversão e espelhamento das fotos clicadas, e uso de filtro em um e outra imagem.

**Partilho, portanto, recortes de percursos que me tocaram (como dito), mas também os combino e recombino como novas possibilidades de paisagem, novos caminhos, com a doce pretensão de seguir com a caminhada, agora, imagética, dando-me a liberdade de vagar sem um fim exato.**

Como outras intenções... **Desejei ativar** o olhar. **Estimular a atenção**, pois, com apenas uma piscadela, as paisagens mudam de forma, e se atualizam. **Dar movimento** para ciclos da natureza. **Sensibilizar para um cotidiano** que está longe de ser dado ou apreendido, **como também pretendi ‘cutucar’** - para a possibilidade do quanto um recorte de paisagem pode nos proporcionar outras possíveis experiências, dependendo da simples perspectiva olhada, por exemplo. Tendo a ciência de que outros fatores influenciam na interação com o ambiente, assim como a *experiência* vai além do ver e do saber.

**Enternecida, ansiei sensibilizar o sujeito** com o descolamento da representação objetiva e, pela tentativa de causar impacto visual, **fazer deslocar do usual para outras sensações**. Caminhei inspirada pela abertura de que podemos combinar e recompor nossas impressões “*ao sabor da nossa livre fantasia*”, porque “*esse é o jogo da imaginação*” (Gros, 2023, p.146).

Nesse jogo, **tocar o lúdico também foi outra pretensão da Exposição**. No manuseio das imagens, espontaneamente fui brincando com elas e, com esse gesto espontâneo, fui me divertindo e me capacitando com novos olhares e sensações, automaticamente percorrendo novas trilhas com a caminhada que seguia. Quis, em algum nível, trocar com o ambiente essa ludicidade por meio das fabulações de chãos em caminhos e céus diversos.

Por fim, ou como ponto de partida, a ideia da '**Exposição**' pretendeu abraçar e intensificar o ponto de vista que é móvel, nômade, assim como foram as movências diárias. Pretendeu compartilhar memórias, mas também continuar a caminhada ao jogar com possibilidades de percursos, para que, nesse momento de atenção ao trabalho, pudéssemos – juntos – olhar/observar/atentar/vivenciar/*experimental* desdobramentos da caminhada regular e cotidiana.

Sensação de Integração

Eu no vento

avistada c/ as rementes

flutuando no tempo

integrada naquele momento

era o aqui e o agora

Completude.

Profundidade.

Pertinere

Seu natureza.

4/10/2023

## **MOVIMENTO II**

“Do ponto de vista da experiência, o importante não é **nem a posição** (nossa maneira de pormos), **nem a “o-posição”** (nossa maneira de opormos), **nem a “imposição”** (nossa maneira de impormos), **nem a proposição** (nossa maneira de propormos), **mas a “exposição”, nossa maneira de “ex-pormos”, com tudo o que isso tem de vulnerabilidade e de risco.**

Por isso **é incapaz de experiência** aquele que se põe, ou se opõe, ou se impõe, ou se propõe, mas não se “ex-põe”. **É incapaz de experiência** aquele a quem nada lhe passa, a quem nada lhe acontece, a quem nada lhe sucede, a quem nada o toca, nada lhe chega, nada o afeta, a quem nada o ameaça, a quem nada ocorre”.

(Jorge Larrosa, Nota sobre a experiência e o saber de experiência, p.25).

# **EXPOSIÇÃO**

**Peculiaridades. Chão nosso de cada dia. Céus.**

Tu

tu ensinas

tu ensinas **teus pés**

tu ensinas **teus pés tu ensinas**

**tu ensinas teus pés**

a caminharem

vagarem

zanzarem

percorrerem

cruzarem

adentrarem

contemplarem

a travessia.

Versão adaptada de Paul Celan, que ensina *as mãos*.

(explicação em Referências Bibliográficas) 1

# **PECULIARIDADES**

acendem a caminhada sensível











Meu olhar vaga pelo espaço.  
Mira o chão.  
Conecta-se com as alturas.  
Vincula-se com os *ínfimos* do que vê.  
Abraça as paisagens.  
E segue sentindo.

**CHÃO**

nosso de cada dia

*Ir para-nada*

**Contemplar**

**Rodopiar**

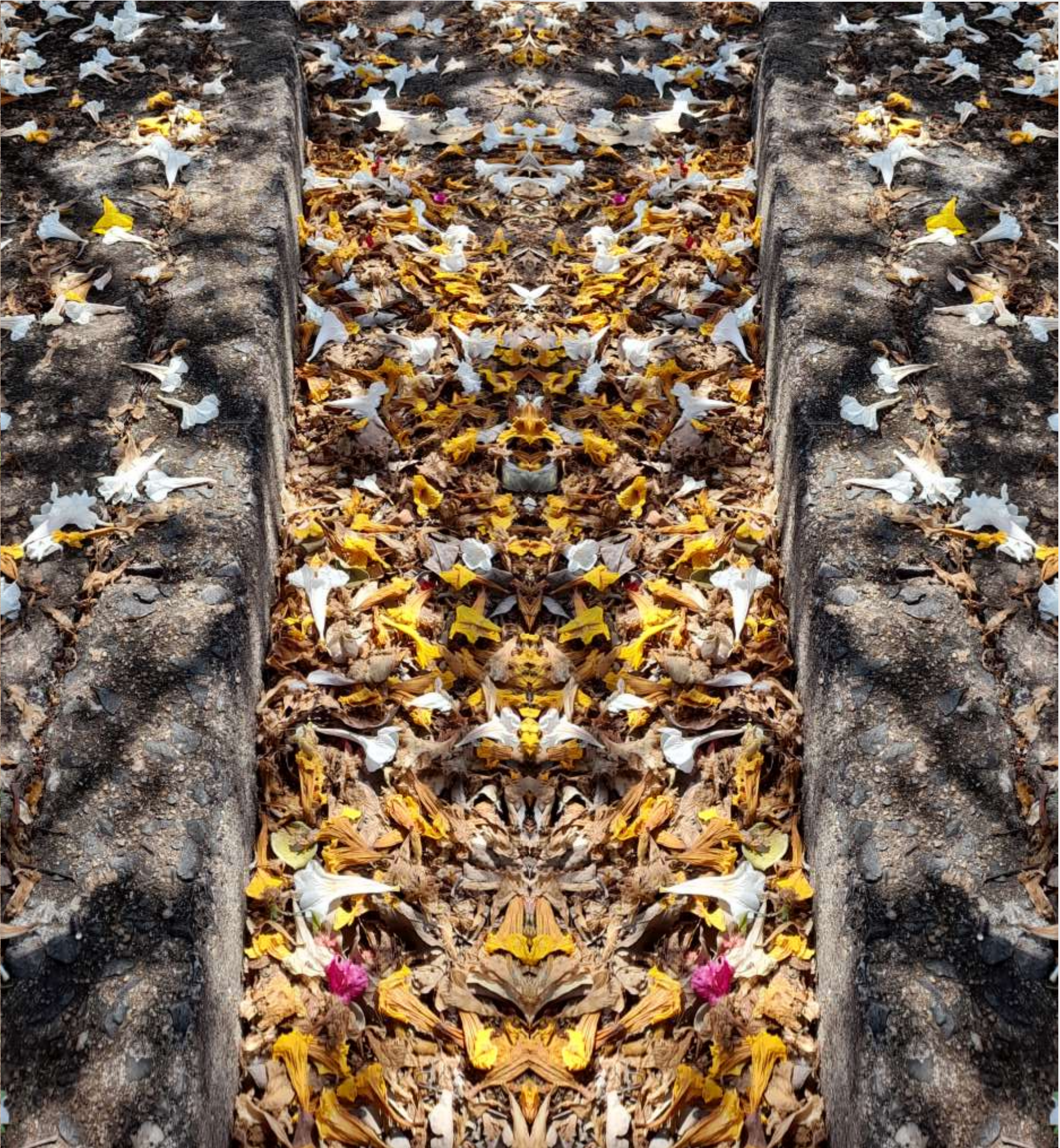


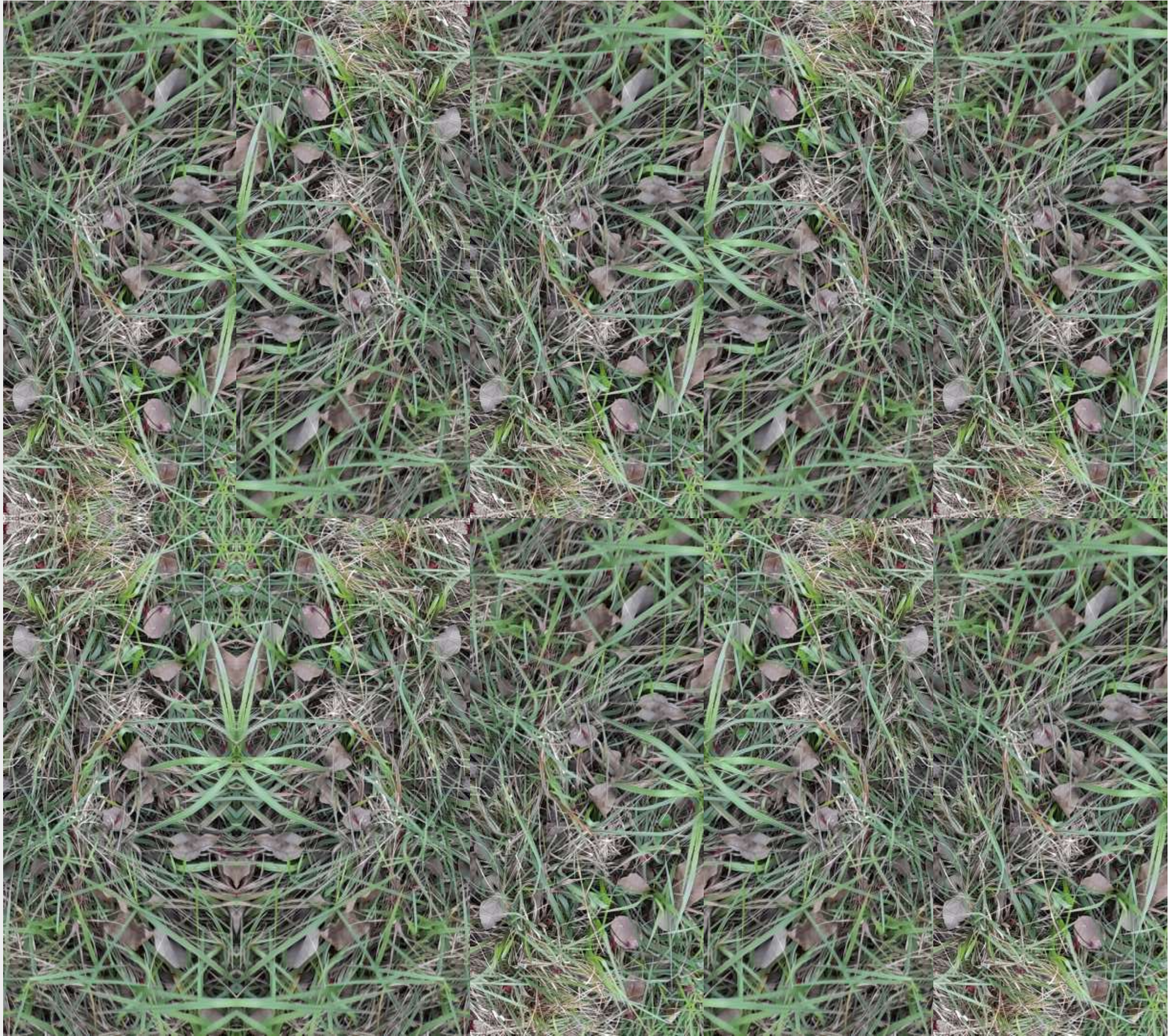


***Muito Prazer***









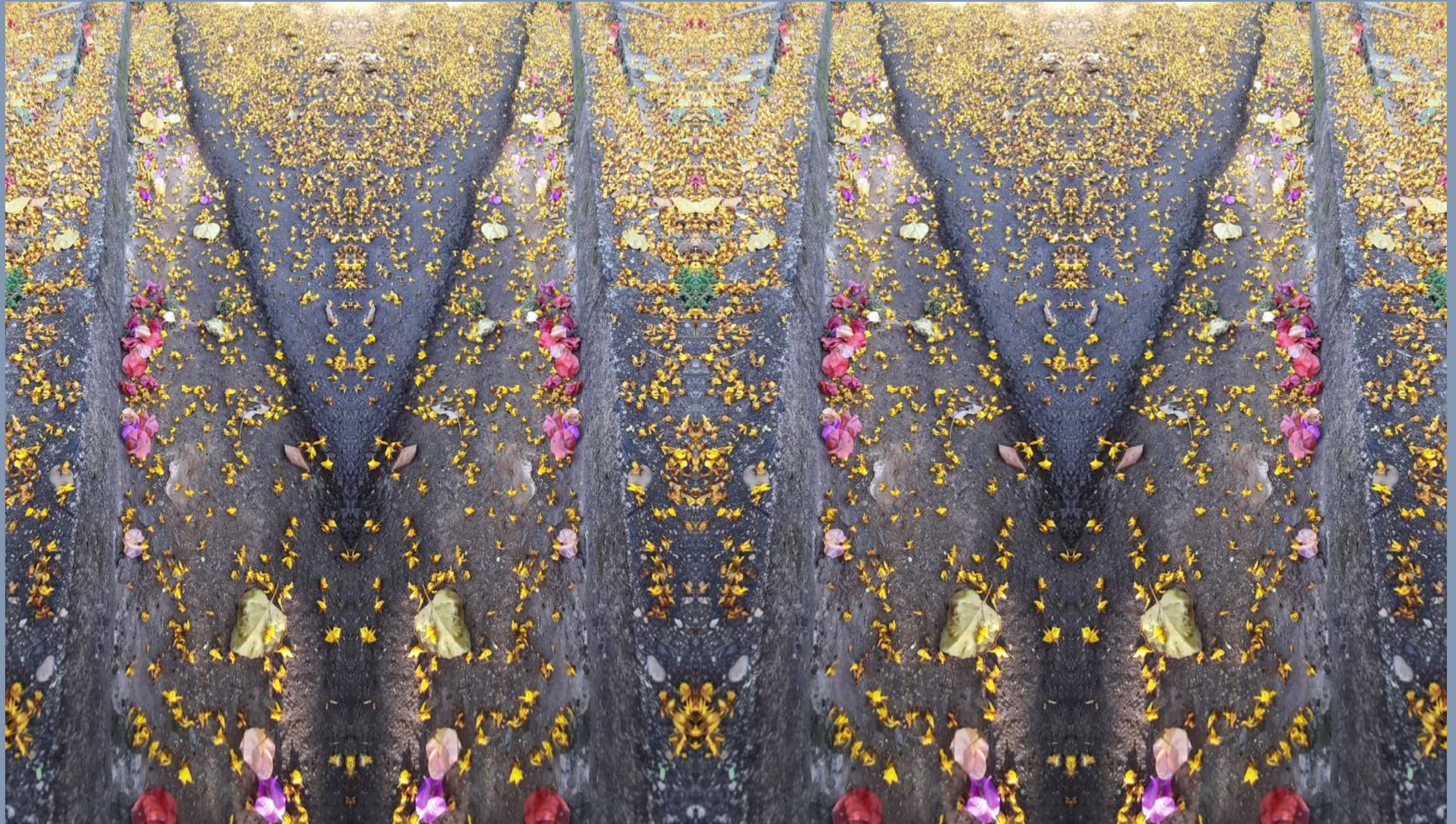
















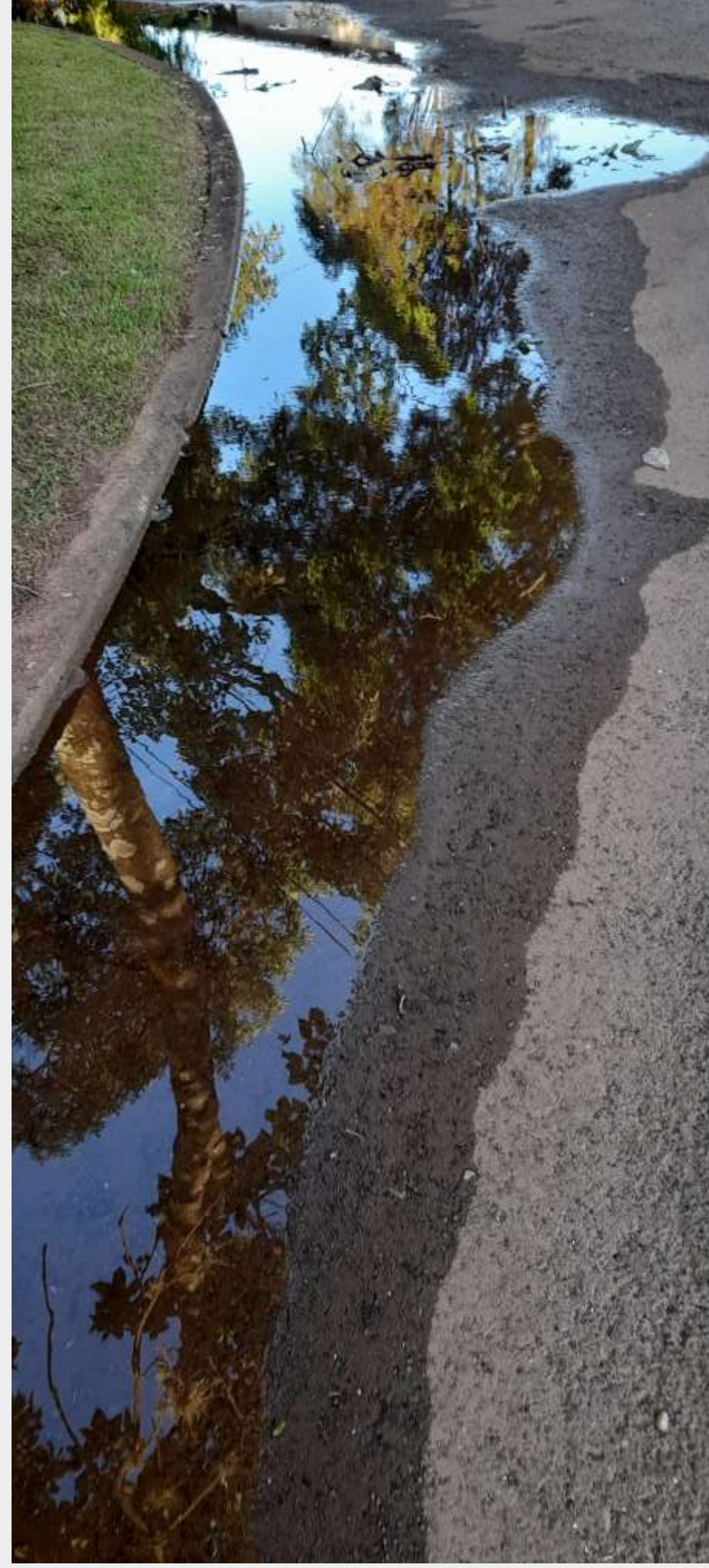
Chão molhado. Pouco escorregadio.



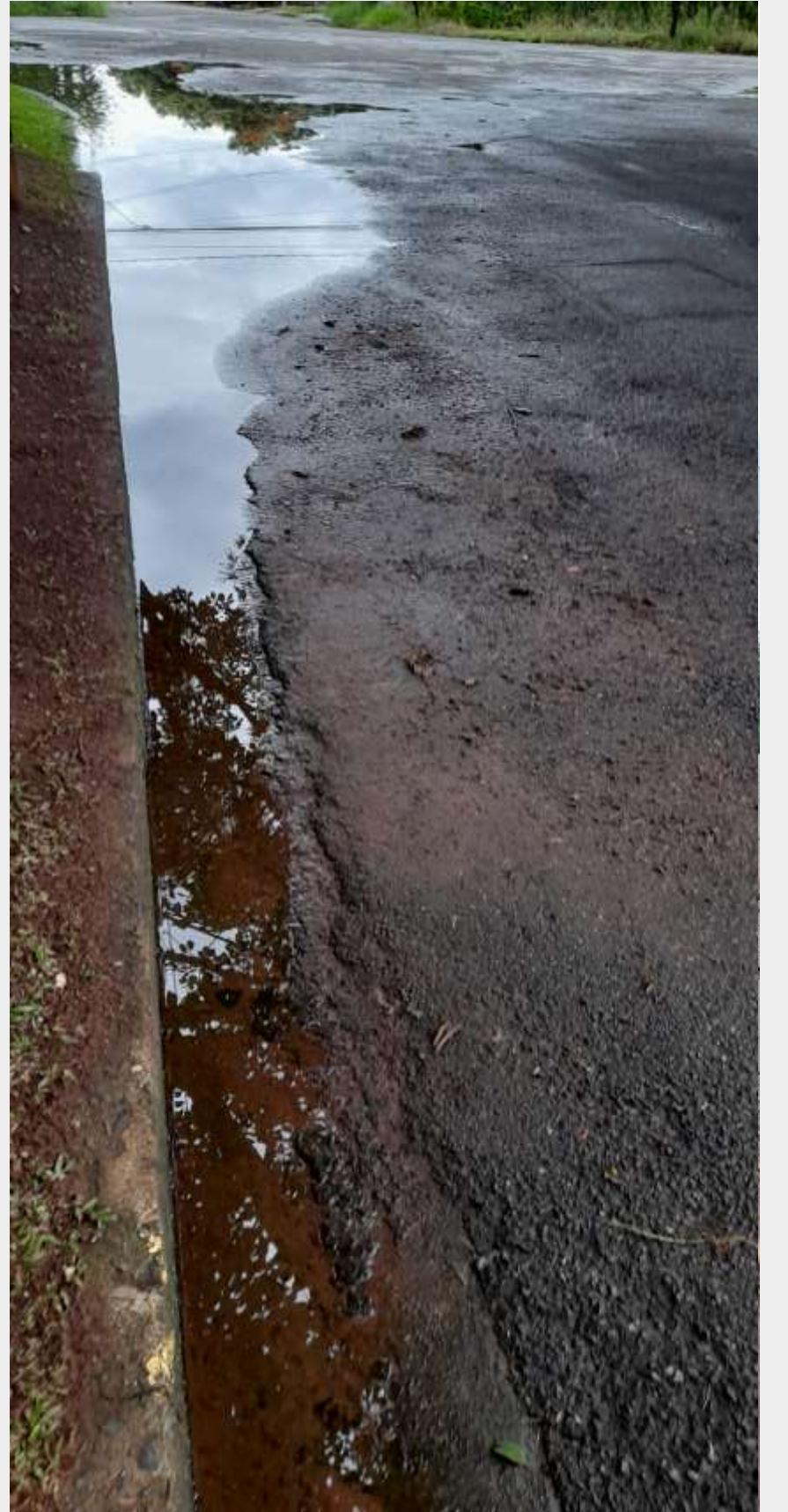
Não Pule.



Contorne.



Lenta-mente.





**CÉUS**

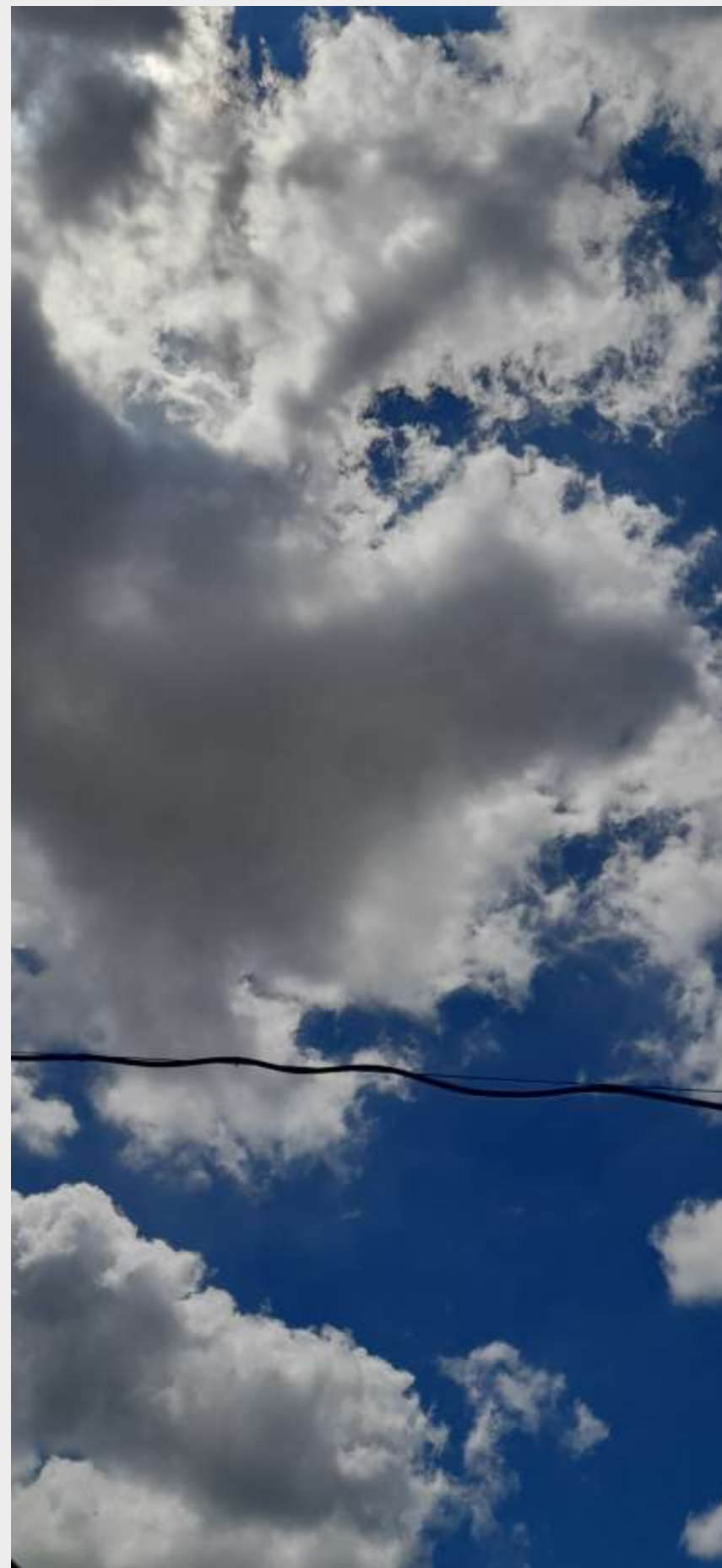
**De muitas formas**





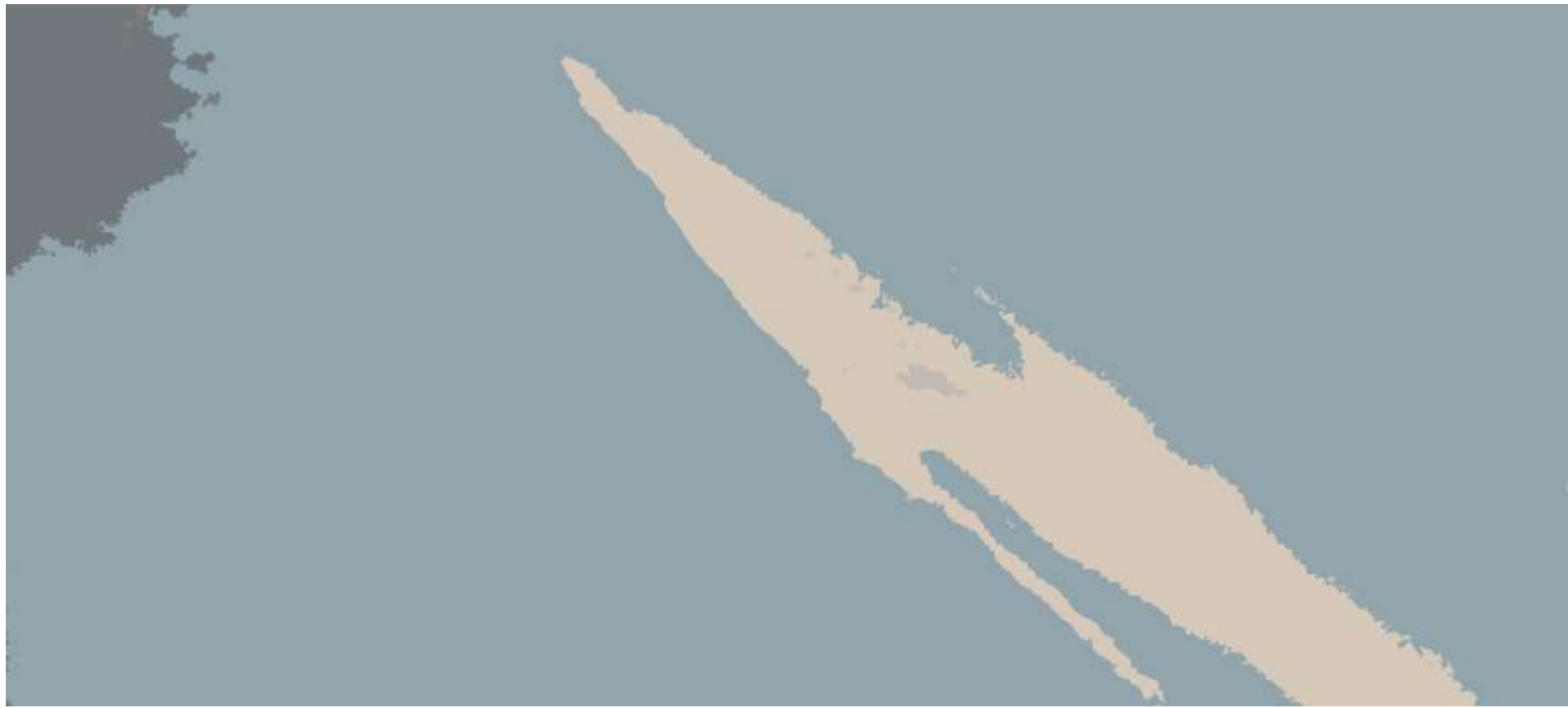


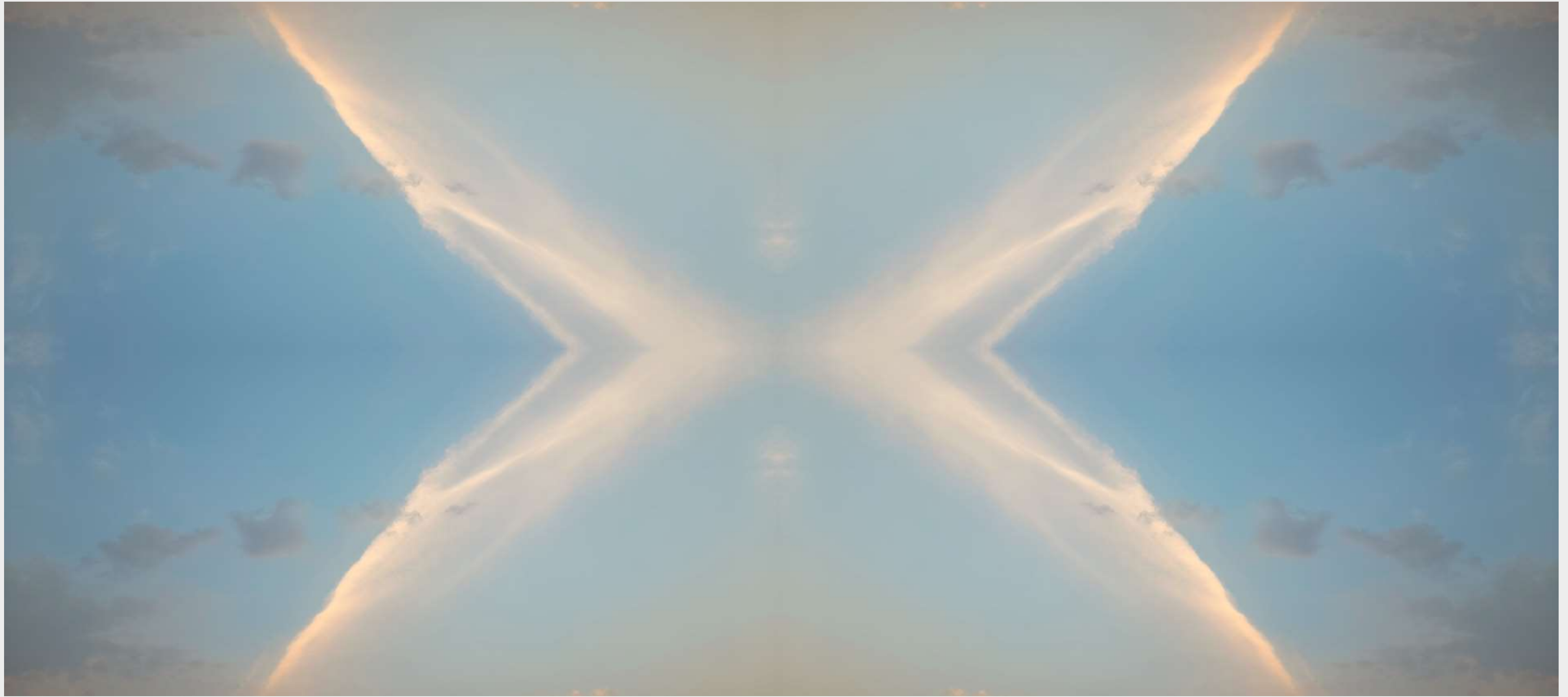


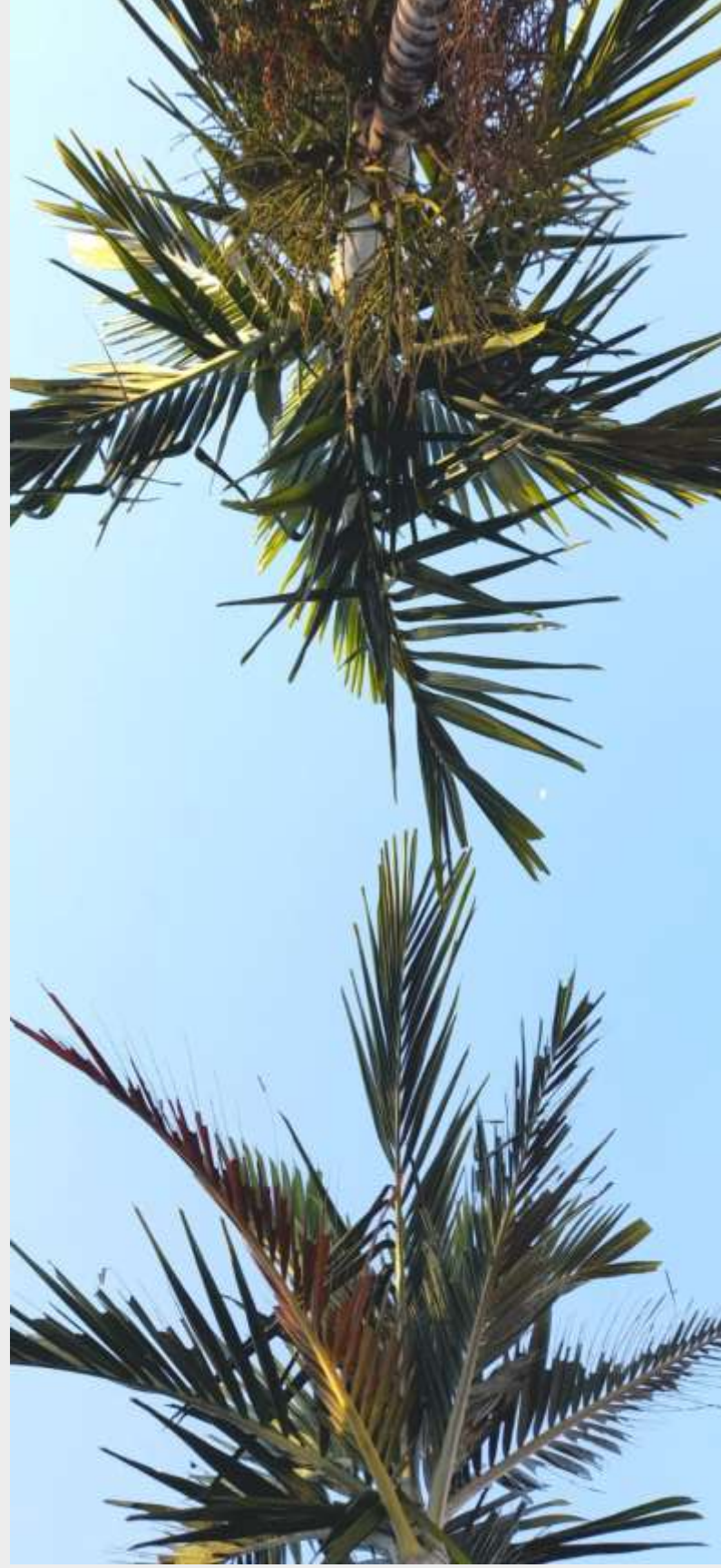












Passagem do dia. Sem filtro.







**Amanhã tem mais!**

## **MOVIMENTO III**

**BRINCADEIRA DE CRIANÇA  
EM BEIRA DE TRILHA**



## JOGO DA MEMÓRIA



Clique para ver o vídeo do  
**Jogo da Memória:**

<https://youtu.be/UMfkgAQ994>

*Não esqueça de desligar a publicidade  
(se for o caso)*

## JOGO DOMINÓ



Clique para ver o vídeo do  
**Jogo Dominó:**

[https://youtu.be/Awt\\_CTl9bjE](https://youtu.be/Awt_CTl9bjE)

*Não esqueça de desligar a publicidade  
(se for o caso)*



## **ATO VI:**

### Palavras Finais

**Corpo. Olhar. Seguiram vagando. Soltei meu olhos para irem como borboletas.** E a caminhada, na sua monotonia de um passo por vez, ora um e ora outro, indo por ir, comprometida com o percurso do momento, foi me arremessando diariamente dentro desse jogo do zanzar, do devaneio.

**O território foi ganhando outro sentido. Ganhou vida, camadas de novas referências e significados. Cresceu. Ampliou. Pulsou.**

**Memórias amorosas foram existindo** por ruas que, antes, eu simplesmente só passava, ou era indiferente. Fomos criando relação e, **pela experiência, história.**

As caminhadas regulares, cotidianas, proporcionaram-me um habitar diferenciado: estar em casa na pele de viajante, me fazendo ‘descobrir’ meu espaço (‘minha morada’), por meio de novo olhar – vivo e prazeroso.

**Deu-me a oportunidade de “aprender a ver”,** no sentido de Nietzsche: “habitar o olho ao descanso, à paciência, ao deixar-aproximar-se-de-si”, isto é, capacitar o olho a uma atenção profunda e contemplativa, a um olhar demorado e lento””. (2)

Relacionei-me com níveis diversos de atenção.

Por conta da mente mergulhada na atenção do ato presente da caminhada, ora flutuei, ora centrei-me no próprio corpo, ora vasculhei, ora fui captada por algo, ou simplesmente vaguei imersa em algum lugar.

Com o passar do ano, a sensação deixou de ser de quando se inicia a viagem (como toda viagem), mas, eu, sujeito, já me vejo outro - impregnado de sensibilidade, e ciente de que “a experiência é irrepetível, sempre há algo como a primeira vez” (Bondía Larrosa, p.19).

### **Como chego nesse ponto?**

Agradecida. Habitada. Labirintada. Preenchida. Acesa. Entusiasmada.

Comecei o caminho – ‘Caminhada como Método para Arte e Educação’ – movida pelo *querer* novos horizontes. Disse sim ao curso sem muitas ponderações, quando, antes, passei 1 ano pesquisando outras possibilidades de caminhos. Embarquei atraída pela proposta, animada com a 1ª paisagem apresentada, mas sem clara noção de como se encaixaria na minha vida, sem expectativa de ‘coletas’, mas com a pretensão de me movimentar, caminhar, respirar e inspirar novos ares. Assim foi.

**Foram muitos aprendizados, reflexões, práticas, descobertas, diversões... Adentrei em um universo de grandes e boas ressonâncias, onde reafirmei meus valores e desejos de vida – ou para a vida.**

Andar, escrever, coletar, desenhar, registrar, observar, mapear, cartografar... ler e ouvir novos conceitos, autores, pensadores... Imergir às segundas-feiras e aos sábados... foram dias, meses, de muita “experiência”. Fiquei *fora de posição*. Fui cutucada. Trocas de grande riqueza, temperadas com as perspectivas singulares, foram algo especial.

Desenhar sempre foi um ato distante de mim, *sem jeito*, pude começar a me aproximar.

**Tropear, errar, voltar, cair, levantar, seguir... Pude resgatá-los como movimentos naturais da vida.**

**Especialmente sobre esse projeto**, foi muito prazeroso narrar minha movência e deixar esse registro. **De modo especial, também compartilho ter sido esta minha 1ª experiência trabalhar de forma poética com minhas fotos com intenção de criar novas imagens.** Foi desafiador perante o pensar crítico, mas, ao mesmo tempo, divertido.

Nesse ponto, fico com a palavra de que, literalmente, me deixei guiar pela *deriva* do fluxo interno. Abri-me para novos passos, e nada melhor do que uma bela caminhada como foi a nossa.

**Hoje, afirmo que estou no “entre” – em processo que pretende e deseja muito seguir adiante.**

*Caminhadas regulares e cotidianas, repetidas, não.*

*Nem mesmo insípidas.*

*Tem sabor de quero muito mais.*



## Notas:

1. Escrevi este poema como escrita automática, quando fiz a leitura do poema de Paul Celan, em ‘Vita contemplativa’, de Byun-Chul Han (2023, após sumário). Antes de iniciar seu 1º capítulo, HAN faz citações de alguns autores. O primeiro deles é o poema de Celan: “Tu, tu ensinas, tu ensinas tuas mãos, tu ensinas tuas mãos tu ensinas, tu ensinas tuas mãos a dormirem”. Ao lê-lo, espontaneamente me revesti de inspiração pensando no valor da caminhada contemplativa, desprovida da atividade, da intenção do “ir para-algo”. Por isso, se por um lado Han recomenda, pelas palavras de Celan, que ensinemos nossas mãos a descansarem, agirem sem o foco da produtividade, eu quis proclamar que ensinemos/ incentivemos nossos pés a irem sem a perseguição da caminhada por um fim. Ideal vivenciado, praticado, regulamente nas minhas caminhadas pelo bairro – caminhadas *de luxo*.
2. Foi uma citação feita por Byung-Chul Han, no livro ‘Sociedade do cansaço’, no capítulo Pedagogia do Ver. Ele inicia a reflexão sobre *vita contemplativa* observando a necessidade de “*uma pedagogia do ver*”. Para defesa de tal condição, baseia-se em Nietzsche, na obra *Crepúsculo dos Deuses*, onde “*formula três tarefas em vias de a gente precisa de educadores*”, dentre elas, nesse processo, está o significado de se “aprender a ver”, tal qual citado nesta reflexão referenciada.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**



BARROS, Manoel de. Gramática Expositiva do Chão. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2022.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Tradução de João Wanderley Geraldi. Universidade Estadual de Campinas, Departamento de Linguística. Revista Brasileira de Educação. Jan/Fev./Mar/Abr. 2022, No 19.

CARERI, Francesco. *Walkscapes*: o caminhar como prática estética; prefácio de Paola Berenstein Jacques. São Paulo: G. Gili, 2013.

CARERI, Francesco. Caminhar e Parar; tradução de Aurora Fornoni Bernadini. São Paulo: G. Gili, 2017.

COLLOT, Michel. Poética e Filosofia da Paisagem. Rio de Janeiro: Editora Oficina Raquel, 2013.

FLUSSER, Vilém. Gestos. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

GROS, Frédéric. Caminhar, uma Filosofia. Frédéric Gros. São Paulo: Ubu Editora, 2ª edição, 2023.

INGOLD, Tim. Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

INGOLD, Tim. Linhas: uma breve história. Petrópolis - RJ: Vozes, 2022.

INGOLD, Tim. O dédalo e o labirinto: caminhar, imaginar e educar a atenção. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 21, p-21-36, jul./dez. 2015.

LABBUCCI, Adriano. Caminhar, uma revolução. São Paulo: Martins Fontes – selo Martins, 2013.

HAN, Byun-Chul. Sociedade do cansaço. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

HAN, Byun-Chul. Vita contemplativa. Ou sobre a inatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 2023.

SOLNIT, Rebecca. A história do caminhar. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

NOVAES, Adauto ... [et al.]. O Olhar. São Paulo: Companhia da Letras, 1988